

# 02 ABR 1996 Casa Grande e Senzala

JORNAL DE BRASÍLIA

JOSÉ NÊUMANNE

Com - Brasil

Numa reunião da Trilateral, em Lisboa, há dois anos, o coordenador Pinto Balsemão pediu desculpas aos presentes pelo atraso da reunião, culpando uma pane num aparelho de som. Virou-se para um japonês pequeno e magro e informou: "E Sony". O japonês não teve dúvidas. "Se é Sony, eu posso consertar". Levantou-se, tirou o paletó, afrouxou o nó da gravata, arregaçou as mangas da camisa social e pediu uma caixa de ferramentas. Minutos depois, o aparelho de som estava consertado e a reunião começou.

Um dos convidados, o então embaixador brasileiro em Portugal, Luiz Felipe Lampreia, comoveu-se quase às lágrimas com a cena. Afinal, o japonês era, simplesmente, o presidente da Sony, o inventor do "walkman", um dos mais prósperos e famosos empresários do mundo, Akio Morita. Hoje, chanceler do Brasil, Lampreia não poderia responder afirmativamente se tal cena poderia ocorrer se tivesse como protagonista um empresário brasileiro. Ao contrário. Um cidadão brasileiro, recentemente, teve ocasião de assistir ao oposto do ocorrido em Lisboa. Comprou um presente caríssimo numa loja de perfumes num "shopping center", da moda numa grande cidade brasileira e saiu com o presente nu, pois o dono da loja não sabia fazer o pacote de presente e não havia sido ainda iniciado o turno de trabalho da funcionária que ele pagava especialmente para esse fim.

Esta é uma das diferenças notáveis entre o Japão, país de civilização antiga e prosperidade recente, e o Brasil, que, presa de uma pobreza permanente, associada a dimensões

continentais, não consegue deixar nunca de ser "o país do futuro". Akio Morita sabe o que fabrica e vende. O "s sofisticado" comerciante de "shopping" no Brasil sequer sabe fazer um pacote. Nem foi informado da existência de embalagens especiais para presentes, que não demandam habilidades manuais fora do normal.

As duas cenas poderia muito bem servir de ilustração às palestras que o economista Rudiger Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology, o lendário MIT, deu no Brasil sobre economia brasileira. Como destacou, com muita propriedade, o professor Eduardo Gianetti da Fonseca, em entrevista a Anchieta Filho, da Rádio Jovem Pan, de São Paulo, as idéias do ilustre economista têm dois aspectos: um positivo e outro negativo. O positivo é a constatação de ser a estabilidade da moeda forte brasileira um processo ainda embrionário. O Brasil conseguiu segurar a inflação, sim, mas a estabilização ainda depende de outros fatores.

De fato, a estabilidade de nossa moeda forte depende de uma reforma fiscal em profundidade, pois um país com o caos tributário em que vive o nosso não tem condições de manter por muito tempo uma moeda com poder de compra semelhante ao do dólar americano. Da mesma forma, a longo prazo, a estagnação, que evita a explosão de consumo, termina por funcionar como uma espécie de bombarelógio do processo inflacionário. Uma bomba pronta para explodir a qualquer momento. Um choque de produção é necessário para dar consistência à estabilização da economia.

Esse choque, que promoverá o

crescimento auto-sustentado, defendido por Eduardo Gianetti da Fonseca, servirá para mudar a mentalidade escravagista do velho capitalismo sem risco do Brasil, dotando a economia de um mínimo senso de produtividade e qualidade. Isso fará até que o comerciante "s sofisticado" aprenda a embalar a mercadoria que vende.

Quanto à necessidade de manter a inflação sob controle rigoroso, contudo, o economista americano demonstrou uma espantosa insensibilidade. Talvez semelhante à ignorância do mesmo comerciante citado como exemplo. Não pode haver na sociedade brasileira um setor responsável incapaz de entender os benefícios de uma economia sem inflação para todos. A inflação é cruel e injusta e a sociedade brasileira já é cruel e injusta demais para ter de continuar convivendo com ela.

Na verdade - e o professor Gianetti não o disse por civilidade ética -, as análises do professor Dornbusch perdem o sentido, por ele não haver percebido a importância do controle sobre a inflação para a inserção do Brasil no mundo moderno. Alguém precisava contar ao professor Dornbusch que a mentalidade de Casa Grande e Senzala, que ajuda a estagnar a economia brasileira e explica o comportamento do citado comerciante do "shopping", é caudatária da cultura inflacionária. Portanto, o Brasil só vai mudá-la se continuar a ter fé na estabilidade da moeda.

■ José Nêumanne, jornalista e escritor, é autor de Veneno na Veia.